

# Contribuição grupanalítica para o diagnóstico actual das neuroses

EDUARDO LUIS CORTESÃO / MARIA ALICE GAMEIRO \*

O processo grupanalítico tal como tem sido por nós conceptualizado tem raízes históricas e evolutivas que remontam a Trigané Burrow e posteriormente a Foulkes na Grã-Bretanha.

O termo grupanalise introduzido por E. L. Cortesão corresponde a um conceito com dimensões, teóricas e técnicas, bem definidas.

O processo grupanalítico é diferente mas não contraditório em relação ao processo psicanalítico. Através das alterações da técnica podemos alcançar novas descobertas que nos fornecem elementos imprescindíveis de se considerar quer nas perspectivas terapêuticas quer de *investigação do processo analítico como um todo*.

Se os procedimentos operatórios da psicanálise e da grupanalise são diferentes existem bases teóricas comuns oriundas do corpo da teoria psicanalítica e nestas são proeminentes os fundamentos da *metapsicologia* e da *teoria das relações de objecto* (nesta última são particularmente pertinentes as contribuições de Balint e Winnicott cujas conceptualizações assumem configurações específicas dentro do contexto grupanalítico).

As formulações da psicologia do ego, do ponto de vista epigenético de Rikson ou dos pontos de vista adaptativo e psicossocial tam-

bém têm constituído contribuições significativas para a conceptualização do processo grupanalítico.

*Seria desejável e seguramente muito proveitoso a aplicação ou confluência com outros modelos teóricos e campos de investigação e terapia.*

As primeiras dimensões técnicas do processo grupanalítico são a *matriz* e o *padrão grupanalítico*.

A matriz grupanalítica é a rede específica de comunicação, relação e elaboração a qual pela integração do padrão grupanalítico fomenta a evolução do processo grupanalítico dentro das dimensões teóricas e técnicas que o informam.

A descrição da matriz pode ser feita em contextos fenomenológicos, dinâmicos e analíticos. O estudo e investigação da matriz grupal e grupanalítica e dos seus afluentes, familiar e sócio-cultural, permitem a utilização do conceito em psicoterapia institucional, hospitais de dia, psicoterapia de adolescentes, investigação de estruturas matriciais de consultas e instituições.

O padrão grupanalítico consiste na natureza de atitudes específicas que o grupanalista transmite e sustém na matriz com uma função interpretativa que fomenta e desenvolve o padrão grupanalítico promovendo a elaboração terapêutica e a reconstrução.

Outras dimensões técnicas importantes para o processo grupanalítico são aquilo que designamos por *níveis de experiência e níveis de interpretação*.

---

\* E.L.C. é Professor Catedrático e M.A.G. é Assistente no Dpto. de Psiquiatria e Saúde Mental, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa. Comunicação apresentada ao I.º Simpósio sobre Investigação Psicológica em Portugal, A.P.P., Março 1983.

## 1 — NÍVEIS DE EXPERIÊNCIA

Num grupo de psicoterapia observa-se que os membros do grupo procuram comunicar ou partilhar os seus sentimentos, conflitos, ou mesmo as suas arraigadas convicções. Designei estes níveis de comunicação como *níveis de experiência* (Cortesão, 1971, 1974a).

Estes níveis de experiência, ou os seus conteúdos, podem eventualmente tornar-se objecto de trocas verbais, diálogo aberto, sugestão, aconselhamento, orientação, argumentação lógica, encorajamento ou propósitos terapêuticos directivos. Mais ainda, os membros do grupo podem ser estimulados a ponderar alternativas ou a tentar antever significações ou a reformulação das necessidades e conflitos que exprimem. Tentativa que preferentemente levarão a cabo por si próprios com apoio mínimo da parte do terapeuta. (Quadro 1).

### QUADRO 1

#### *Psicoterapia de Grupo: Níveis de Experiência*

Comunicação verbal e não verbal	Propósitos terapêuticos directivos ou não directivos
Diálogo aberto	Reflexão sobre alternativas
Aconselhamento	Formulação de significações
Orientação	Reformulação de motivações e conflitos
Argumentação lógica	

São estes os contextos da maioria das diversas técnicas e procedimentos daquilo que se descreve correntemente como psicoterapia de grupo. Claro está que os níveis de experiência são também patentes na psicoterapia individual. É pelo manejo que se opera com a comunicação da experiência, pelo registo que dela se faz e pelo modo como se interpreta, que se torna possível deparar com um leque vasto e multifário tanto nas construturas epistemológicas como nas aplicações da psicoterapia.

Numa psicoterapia de grupo pode-se demonstrar que estes níveis de experiência se voltam mutáveis, provendo amplitude e flexibilidade de tal modo que a forma e os conteúdos da comunicação serão acessíveis à interpretação.

Quer as pessoas revelem a experiência de conflito intra-psíquico ou a experiência de

contenda inter-pessoal, ambos os contextos são susceptíveis — na sua qualidade elementar e singular — de transformação em módulos mais diferenciados de comunicação verbal.

Em suma, pode-se dizer que o nível de experiência subjectiva individual ocorre quando um paciente relata eventos da sua vida actual ou passada ou, ainda, o conteúdo manifesto de um sonho. Se outros encarrilam nessa cadeia de pensamentos e dizem de seu mister e preocupações, através de um «já ágora...» ou «a propósito do que está a dizer», o grupo está comunicando num nível de experiências subjectiva múltipla. E é quando A ou B comentam sobre o que disseram C e D, fazendo perguntas, oferecendo sugestões ou informações, que o grupo entra em funcionamento no nível de comunicação associativa.

## 2 — NÍVEIS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação é uma das formas de intervenção e comunicação verbal do analista para o grupo ou para membros dentro do grupo. Não é seguramente a única forma de intervenção e, como diz Foulkes, «— embora a interpretação constitua uma fonte essencialmente da nossa técnica não nos podemos esquecer que ao dar a interpretação fazemos também uma parte do trabalho que pertence ao paciente».

Interpretar é traduzir, em contextos novos e mais elaborados, o conteúdo manifesto daquilo que é expresso através de ideias, cadeias de pensamento, atitudes e comportamentos verbais e não-verbais.

No quadro seguinte estão resumidos os níveis de interpretação (Quadro 2).

### QUADRO 2

#### *Níveis de Experiência e de Interpretação da Psicoterapia de Grupo e na Psicoterapia Grupalítica*

- 1 — Experiência subjectiva individual.
- 2 — Experiência subjectiva múltipla.
- 3 — Comunicação associativa.
- 4 — Interpretação genético-evolutiva.
- 5 — Interpretação desevolutiva.
- 6 — Interpretação de significação.
- 7 — Interpretação de criatividade.

Portanto, o nível de interpretação genético-evolutiva funciona quando o foco da interpretação acentua a gênese da personalidade e do Self. Quando tentamos correlacionar as diversas fases do crescimento, a inter-relação do Self com as matrizes familiar e social e tentamos avaliar o modo como o Self reage à mudança, frustrações e conflitos, em diferentes fases da vida, estamos-nos movendo então adentro do nível de interpretação desenvolvutiva. A interpretação genético-evolutiva e a interpretação desenvolvutiva podem ser coincidentes e sobrepôr-se.

Podemos distingui-las no sentido em que os níveis genéticos-evolutivos são mais pertinentes para a estrutura, crescimento e função do Self como um todo; ao passo que os níveis de desenvolvimento têm mais que ver com a função e a elaboração do Self em diferentes fases do desenvolvimento. Os níveis genético-evolutivos situam-se mais no território da causalidade. Os níveis de desenvolvimento apontam para conjecturas de significação e criatividade.

Nas psicoterapias de grupo (e na maioria das diversas técnicas e orientações) a função psicoterapêutica labora até ao nível três (comunicação associativa).

Na psicoterapia grupalítica e nas psicoterapias de grupo de orientação analítica, o teor terapêutico movimenta-se até ao nível sete (interpretação de criatividade).

Na grupalítica os níveis de interpretação vão incluir a interpretação na transferência e a interpretação comutativa.

No processo grupalítico os diversos níveis de experiência, comunicação associativa e interpretação, tornam-se mutáveis pela indução do padrão grupalítico e pela interpretação na transferência, principalmente a interpretação comutativa.

No quadro seguinte estão representados todos os níveis (mutáveis) tal como se observam no processo grupalítico.

### QUADRO 3

#### Níveis de Experiência e de Interpretação na Grupalítica

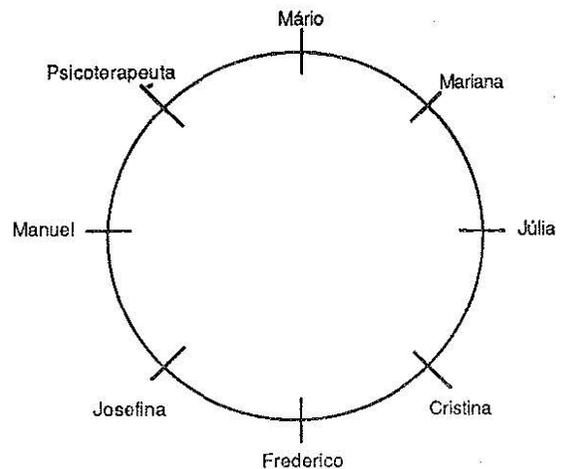
- 1 — Experiência subjectiva individual.
- 2 — Experiência subjectiva múltipla.
- 3 — Comunicação associativa.
- 4 — Interpretação genético-evolutiva.
- 5 — Interpretação desenvolvutiva.
- 6 — Interpretação de significação.
- 7 — Interpretação de criatividade.
- 8 — Interpretação na transferência.
- 9 — Interpretação comutativa.

No momento cingir-nos-emos à descrição e investigação dos diversos níveis até o nível 7.

Todavia é de esclarecer desde já que a função da psicoterapia (até o nível 7) inclui uma acção terapêutica relevante e que promove a aquisição de discernimento (insight). Mas os seus efeitos duradouros, tanto para a maturação pessoal como para propósitos terapêuticos, são de difícil previsão. Embora o insight possa ser apreciável, na maioria dos casos é mais relevante o insight intelectual.

No exemplo seguinte é investigada a movimentação nos níveis de experiência e interpretação até o nível 7.

*Exemplo:* Num grupo de psicoterapia grupalítica (com uma sessão semanal), no início de uma sessão Frederico discorre sobre a sua prática de karaté (nível de experiência subjectiva individual).



Mário intervém para sugerir os méritos de uma escola de karaté que conhece e que acha ser essa escola melhor do que aquela em que Frederico anda a praticar (nível de experiência subjectiva múltipla). Júlia, Mariana e Manuel (no nível de comunicação associativa) tecem considerações sobre se o karaté é melhor que o judo, o yoga ou a psicoterapia. Oferecem conselhos e recomendações, concordando ou discordando.

Discutem também sobre causas e consequências da agressividade e sobre a validade da defesa pessoal. Mais tarde encontram-se discutindo sobre métodos de educação, a punição de crianças, a rivalidade entre irmãos e a competição entre sexos. Estes temas emergiram, principalmente, da evocação e memórias de expe-

riências passadas e actuais. Nos níveis de interpretação genético-evolutiva e de desenvolvimento, Frederico (neurose de ansiedade com fundo depressivo) evocou recordações de distância em relação à mãe — segundo ele muito dispersada entre sete filhos e filhas — a sua fixação de dependência de uma empregada doméstica que se lhe dedicou e, ainda, o ressentimento e ambivalência para com um pai austero, autoritário e punidor. Júlia (personalidade ciclotímica, com episódios hipomaníacos alternando com fases de depressão e apatia), descreveu com emoção e vivacidade as lutas fraternas com alguns dos seus dez irmãos e irmãs; e, serenamente, os castigos físicos brutais que o pai aplicava aos rapazes. Ela viu e ouviu; agora relata-o com aparente serenidade (como quem dá notícia); o afecto, a emoção e as fantasias sadomasoquistas estão reprimidos; os alicerces do Self e o funcionamento da personalidade e do carácter, durante fases da vida, estão profundamente impregnados pela selva daninha que brota de tais raízes. Uma mãe pragmática-formal, e complacente, não permitiu a Júlia a identificação feminina. Os contornos do Self esbatem-se numa indefinição da qual resulta a ansiedade, a depressão ou, por vezes, o triunfalismo hipomaniaco nas suas relações de objecto passadas e actuais. O sobreinvestimento intelectual e o recurso a uma inteligência superior cedem, porém, quando as estruturas afectivas são mais abaladas, de tal modo que os recursos intelectuais se voltam carenciados e acabam por não funcionar também.

A prática do karaté foi então interpretada por alguns como estando relacionada com a repressão da agressividade, com o medo — nalguns casos irracional e inconsciente — e com um sentimento global de insegurança (nível de interpretação, genético-evolutiva). Alguns concordaram que a motivação para o karaté podia ser devida a uma reacção à ansiedade e terror provocados pela punição física (muitas vezes com lavos de crueldade e brutalidade como alguns evocaram) em fases da infância e adolescência. Cristina (neurose fóbica) então sugeriu que era como se algumas pessoas pudessem ficar «presas» a essas fases da vida e sentir-se incapazes de prosseguir para novas fases da vida, relativamente libertadas de experiências dolorosas do passado, «disfrutando as novas oportunidades que a vida oferece» (nível de interpretação desenvolvutiva).

Mariana (estado borderline) e Manuel (neurose de ansiedade em personalidade narcísica) avançaram então a conjectura que tanto o karaté como o judo podem ser também formas adequadas de desporto e exercício físico normal; e até mesmo uma maneira muito adequada para lidar — de modo novo e diferente — com a agressividade, em independência de experiências infantis normais ou neuróticas (nível de interpretação de significação).

Finalmente Cristina e Josefina (neurose de ansiedade, com conflito conjugal e familiar complexo) foram de opinião que o karaté, tal como o yoga, podem-se tornar caminhos de descoberta para métodos inovadores na transformação dos impulsos e conflitos (nível de interpretação de criatividade).

Ainda que o psicoterapeuta oferecesse ocasionalmente a sua contribuição para clarificar ou ajudar a traduzir algumas das comunicações verbais, foi mais específico nestes últimos tópicos de significação e criatividade. Chamou a atenção para que por trás da tendência aparente para encontrar novas significações e abrir canais criativos, pode-se encontrar uma tendência escondida para tentar resolver frustrações e conflitos passados. Ainda que, esclareceu, isto não tenha que ser, necessariamente, sempre assim.

## FENÓMENOS DE TRANSFERÊNCIA EM GRUPO

As transferências são fenómenos *latentes* e *pulsáteis* num grupo de grupanálise ou em qualquer grupo de psicoterapia.

Nós somos confrontados sempre com esses fenómenos que não são conscientes para o grupo.

Podem ser deixados em estado ou nível latente e seguem um curso indeterminado mantendo-se desligados ou desconectados, ou podem ser tornados conscientes fazendo referência a eles, constatando a sua manifestação, interpretando-os e assim ligando-os ou conectando-os.

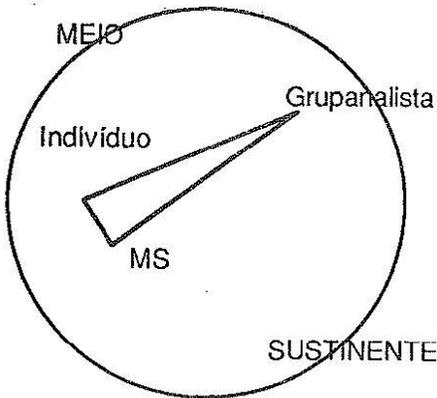
A interpretação na transferência no processo grupanalítico não deverá ser demasiado ambiciosa e tem de usar de perseverança de tentativa e erro. É necessário ser cuidadoso porque a verbalização precoce de fenómenos de transferência antes dos afectos nela estiverem investidos pode sustentar todo o processo de neurose de transferência e o seu adequado desenvolvimento.

A interpretação na transferência constitui um meio para novas disposições, e remodelações da motivação inconsciente, bem como das relações de objecto e organização de conflitos internalizados e passados dentro do Self.

Na medida em que os membros do grupo representam uns para os outros e na situação global um papel fundamental como figuras de transferência, os conflitos são reproduzidos, re-experiência-dos e re-actuados.

Estas figuras de transferência estão agora investidas com representações, projecções e introjecções derivadas de modelos de relações de objecto primitivas. As interpretações foram





—Relações de Objecto e Meio Sustinente (MS) na Grupalidade

Adentro de um tal *meio sustinente* (holding environment) o grupanalista é investido com afectos e fantasias específicas que lhe inculcam a representação de uma figura de transferência materna. Uma mãe que pode em última instância prover ou gratificar necessidades orais específicas ou mitigar a raiva e o desespero; levantar um nível baixo de auto-estima; ou ser ainda configurada como um bom *contentor idealizado*, para nóxias percepções paranoides que estão atacando o indivíduo adentro de si próprio. Esta prevalência da identificação materna do grupanalista é devida à repetição na transferência da relação de objecto diádica mãe-criança, a qual surge constantemente adentro do todo da neurose de transferência grupalítica e no decorrer do processo grupalítico.

A análise das relações de objecto na grupalidade deve-se desdobrar a par e passo, e em ritmo, com a análise de fases pré-genitais, as formulações edipianas e as fases desenvolvimentivas na maturação do Self. Não há qualquer razão para opôr ou dicotomizar estas fases e estruturas; como não há qualquer razão para opôr; em termos metapsicológicos, uma análise do Id; a uma análise do Ego ou análise do Superego (Segal, 1957; Sandler, 1960, 1962; Shafer, 1960; Loewal, 1962; Rosenfeld, 1962; Weigert, 1962; Modell, 1979; Sharfman, 1979).

## INVESTIGAÇÃO DE PERTURBAÇÕES DO NARCISISMO NO PROCESSO GRUPALÍTICO

A investigação grupalítica de relações de objecto com perturbação precoce no desenvolvimento individual fornece novos dados pela descoberta que se opera durante o processo grupalítico.

Referiremos uma faceta da grupalidade de *Zaida* e *Fátima* para ilustrar a investigação de estruturas narcisistas.

*Zaida* viera à Consulta cerca dos seus 23 anos, apresentando-se aparentemente tímida, mas afectuosa, sorridente e agradável. Pretendia casar-se desde há três anos, mas debatia-se agora num conflito que segundo ela lhe causava apreensão, dúvidas e perplexidade sobre decisões a tomar e o seu próprio futuro.

É importante notar que a maioria das pessoas com perturbações do narcisismo, geralmente não referem ansiedade ou depressão explicitamente mencionadas como tal. Quero dizer, essas pessoas até certo ponto é como se não se queixassem dizendo que algo se passa adentro delas, por causa delas ou dependente delas.

O registo íntimo e afectivo dos acontecimentos e das relações com as pessoas é feito sempre em termos narcísicos internos. Por exemplo, numa conversa social tanto como numa sessão de grupalidade a pessoa com personalidade narcísica pode estar distraída, ou nalguns casos até muito atenta, sobretudo no nível de comunicação associativa, mas não falará a não ser que alguém se lhe dirija directamente, e por vezes insistentemente. Ou então, na comunicação grupal, como que captam subitamente uma palavra ou frase que causa ressonância, numa determinada constelação afectiva internalizada, residente no território narcísico e a qual é como que agitada. Muitas vezes surge uma explosão afectiva frustrada, como que uma girândola, que logo se extingue se porventura a matriz grupal não a segue e não a alimenta. E, geralmente, a matriz psicanalítica não dá seguimento, nem faz eco, a estas girândolas emocionais saídas do isolado castelo narcísico, porquanto a matriz como que se apercebe do seu carácter isolado, distante, que causa estranheza como se a pessoa com a perturbação narcísica dirigisse (o olhar — ou a comunicação verbal) para a janela, para o tecto ou para o firmamento.

Exemplo: *Fátima*, uma paciente com perturbação narcisista, mantinha-se geralmente distante, como que distraída, ainda que ocasionalmente dirigindo o olhar para um ou outro membro do grupo ou para o psicanalista. Mas subitamente, quando um membro do grupo descrevia o que acontecera com um acidente de automóvel cerca de Condeixa, a paciente como que emergiu repentinamente de um retiro distante, e exclamou alvoroçada: «Condeixa!... Alguém falou de Condeixa?». E ante uma certa surpresa e perplexidade do grupo que, neste caso, não fez eco à girândola emocional, ela continuou, porém num tom de voz já menos aberto, como que falando ou pensando sozinha, ainda que dirigindo um olhar vago na direcção do analista: «Condeixa... Era a casa da avó... A quinta, os frutos, havia lá um cavalo, que eu gostava tanto de montar...».

Alguém no grupo lhe lembrou que se estava a falar de Condeixa mas era a propósito do acidente que tivera um irmão do *Jorge* (outro membro do grupo). *Fátima*, o olhar já mortífero, a musculatura facial outra vez descaída (com uma expressão típica que fazia nestes momentos, e que era acompanhada por um descair das commissuras labiais), murmurou: «ah...», e retirou-se para o seu terreno narcísico.

Estes núcleos narcísicos, contidos na personalidade do paciente, e que funcionam adentro dele, e somente dentro dele, são como quistos emitindo ocasionalmente pseudópodos que se expandem até o objecto; como seja uma curiosidade em relação a um novo membro do grupo, tacteando-o para ver se tem algum interesse ou conotação com o quisto narcísico. Ou em relação a uma palavra, como disse, ou uma frase, que atrai de novo outro pseudópodo que mais uma vez as tacteia, com dois eventuais cursos de desenvolvimento. No primeiro, tenta-se a absorção da palavra, como no caso que exemplifiquei de «Condeixa», em que o pseudópodo de *Fátima* o tentou assimilar e devorar, elaborando-o num contexto isolado adentro do seu quisto narcísico. Ou se tal propósito é dificultado pela própria matriz grupanalítica, ou ainda por intervenções ou interpretações do grupanalista, o vocábulo ou o objecto é simplesmente largado pelo pseudópodo visto que não é absorvível no núcleo narcísico.

*Fátima* (a paciente do exemplo anterior) médica, 39 anos, trabalhando em investigação científica, esclarecia, quanto à sua actividade profissional, que a relação clínica era pura e simplesmente impossível para ela. Recusava-se a admitir quaisquer qualidades intelectuais, de mérito profissional, de perfeição física ou interesse sexual ainda que possuísse, em doses muito razoáveis, todos estes atributos.

O caso de *Fátima* serve também para esclarecer a crença popular de que as pessoas

narcisistas são pessoas que de algum modo fariam gala dos seus atributos físicos ou intelectuais. Na realidade eles *exibem-nos* mas não os avalizam através de qualquer comunicação verbal, de si próprios para quem os escuta. É como se quisessem esclarecer que tais atributos são *deles*; não são para partilhar e não podem fazer eco.

*Fátima* dizia, num dos seus rompantes em girândola, que preferia que o grupo fosse só de mulheres, mas conduzido pelo grupanalista. Isto levou alguns membros do grupo a tentar investigar eventuais raízes homossexuais no desenvolvimento da personalidade, rivalidade masculina, e outras. Todavia *Fátima* pôde sorrir, confortada, com outro seu gesto típico que consistia em levantar os ombros e rir-se de forma graciosa e com aparente calor, como que sacudindo a intervenção dos outros, semi-divertida com o que pareciam ser os esforços dos pobres outros-objects para a entender; mas sem aparente sucesso.

Quanto à sua preferência por um grupo só de mulheres conduzido pelo grupanalista, esclareceu adentro daquela movimentação típica que descrevi, que a sua preferência por mulheres residia somente no facto de serem mais cómodas para ela se relacionar, porquanto eram mais parecidas consigo; os homens eram diferentes, mais complexos, mais estranhos. As mulheres poderiam competir com ela ao nível da sua forma de vestir (que era sofisticada mas muito apreciada pelos membros femininos do grupo) ou outros atributos. Porém os homens tornavam-se incómodos porque davam a entender que queriam mexer, trocar amores, ter relações sexuais. Esclarecia que seria ideal se os homens se limitassem a falar com ela, e sobretudo tivessem a possibilidade de a poder ouvir, mas sem fazer aqueles avanços grotescos e incómodos.

Quando entrava um novo membro para o grupo, *Fátima* emitia um dos pseudópodos e tacteava a nova aquisição.

Era geralmente uma circunstância em que funcionava espontaneamente, não sendo necessário alguém dirigir-se-lhe a fim de que ela pudesse falar. Cuidadosamente e sibilantemente, tentava conferir certos traços culturais ou facetas pessoais, como que para sondar se o novo objecto era ameaçador para a sua estrutura narcísica ou se se tornava extremamente perigoso alterando o equilíbrio narcísico que ela estabelecera adentro do grupo, principalmente na sua relação com o grupanalista; e depois do novo membro do grupo, novo objecto,

ter sido inspeccionado, explorado e etiquetado *Fátima* regressava ao seu canto narcísico e assim se mantinha.

Estas atitudes e comportamentos pareciam até certo ponto paradoxais, porquanto não condiziam, por assim dizer, com a sua atitude ante o grupanalista, em que *Fátima* protestava veementemente que este não gostava dela, que a considerava um caso perdido e sem cura e que se o analista a mantinha em tratamento (quando alguém procurava porque é que tal acontecia), era por pena e compaixão para com ela. Quando um dia um outro membro do grupo pôs isto em causa, *Fátima* sentiu-se profundamente abalada na sua estrutura narcísica, e teve um acesso de *raiva narcísica*, muito irada, batendo com o punho no braço da cadeira, e exclamando que era a criatura mais mísera que existia, mais desprotegida, de pior prognóstico e certamente mais abandonada pelo grupanalista. E em auge de irritação, insistiu que não admitia que alguém lhe dissesse que ela não era a mais infeliz das infelizes. O que levou *Jorge* (em típica ironia, e por vezes sarcasmo, que utilizava defensivamente ou, simplesmente, como característica da sua personalidade) a dizer: «Mas, Senhora minha, miserável e mendiga, vós sois, sem sombra de dúvida, a rainha das mendigas! Mas sois a Rainha!...»

Esta intervenção de *Jorge* insere-se tanto no nível de comunicação, associativa, como na dimensão interpretativa, que é inerente ao processo grupanalítico.

Os membros do grupo desempenham também uma função interpretativa. E o conteúdo da intervenção de *Jorge* actua num nível de interpretação que se aproxima do conceito de *Self grandioso*, de Kohut.

A natureza e função da perturbação precoce da relação de objecto foi também investigada num outro grupo conforme relato a seguir.

*Exemplo: Zaida*, a cujas características me referi atrás, e que viera à Consulta (com a motivação aparente de indecisão sobre casar-se ou não) fizera uma longa grupanalise e durante alguns anos utilizara o grupo como um *meio sustinente* adentro do qual se permitia fazer o acting out da relação de objecto arcaica e de dependência de uma mãe rejeitante. Mas ao mesmo tempo revelava onnipotência narcísica, como formação reactiva transpirando de uma estrutura narcísica do *Self*.

Tinha a fantasia inconsciente de fusão com o analista de tal modo que pouco se ouvia dela, e quando acontecia, raramente, falar, era sempre num tom de voz baixo e como que segredado. Este comportamento estimulava reacções mistas na matriz grupanalítica. Tendiam tanto a protegê-la como, ao mesmo tempo, a deixá-la ali no seu canto.

Este procedimento, como sabemos, traduz a atitude da mãe pragmática-formal e de outras pessoas no ambiente da criança. Ofere-

cem um meio sustinente parcial (holding environment, de Winnicott) para protecção, organização e cuidados pragmáticos. Para as necessidades mais específicas do bebé ou da criança (fantasias inconscientes e vivências arcaicas, depressivas e paranoides) a mãe é identificada com o bebé na fronteira da diferenciação *Self-Objecto*.

#### QUADRO 4

##### *Diferenciação da Mãe Pragmática-Formal e da Mãe identificada com a Criança*

---

1 — Mãe pragmática-formal, organizadora; *meio sustinente* parcial para protecção e cuidados pragmáticos:

Estimulam predisposições latentes e promovem a aprendizagem e processos de maturação.

2 — A mãe (e o ambiente-objectos) são identificados com o bebé na fronteira da diferenciação *Self-Objecto*. Isto corresponde às necessidades mais específicas e básicas do bebé:

a — Fantasias inconscientes,

b — Sentimentos arcaicos, paranoídes e depressivos.

---

No processo grupanalítico o paciente pode repetir, na transferência, esta clivagem da imagem (\*) materna em duas representações de objecto inconscientes: por um lado temos a mãe organizadora, pragmática e sustinente. Por outro temos a mãe persecutória (e perseguida) mas, também, aliviante da ansiedade e da depressão. Pela natureza das raízes da neurose de transferência na matriz grupanalítica, a primeira representação é projectada no grupo como um meio sustinente global (adentro do qual pode estar incluído o analista). A segunda representação de objecto é especificamente projectada no grupanalista.

A interpretação na transferência tem que tomar em linha de conta esta clivagem para propósitos de interpretação comutativa e para a elaboração terapêutica.

A investigação deste tipo de clivagem permitiu-nos também demonstrar que a primeira representação de objecto inconsciente, a sua estrutura e o seu funcionamento se radicam no território do Ego. E que a segunda representação inconsciente de objecto está ancorada nos densos fundos da estrutura e funcionamento do Id e do Super-ego.

---

(\*) — Representação inconsciente do objecto.

A análise destes contextos e a sua elaboração terapêutica têm, uma vez mais, que tomá-los em consideração quando são avançadas interpretações na transferência.

#### QUADRO 5

### *Clivagem da Imago Materna no processo grupalítico*

---

Clivagem da imago materna em duas representações de objecto inconscientes:

- 1 — Mãe pragmática e sustinente que oferece cuidados organizacionais.
  - 2 — a) Mãe persecutória (e perseguida).  
b) Mãe aliviante da depressão e da ansiedade.
  - 3 — Na neurose de transferência grupalítica:
    - a) Primeira representação de objecto:  
A mãe pragmática e o ambiente organizador são projectados no grupo e na sua matriz (adentro da qual o grupalítico pode estar incluído).
    - b) Segunda representação de objecto:  
Mãe persecutória (e perseguida) e mãe aliviante de ansiedade e depressão:  
São especificamente projectadas no grupalítico.
  - 4 — A primeira representação inconsciente do objecto (mãe pragmática projectada no grupo ou com ele identificada), a sua estrutura e função, estão no território do Ego.
  - 5 — A segunda representação inconsciente de objecto (mãe persecutória; ou mãe aliviante) está radicada na estrutura e funcionamento do Id e do Superego.
- 

Na grupalítica de *Zaida* os membros da matriz grupalítica encontrar-se-lam argumentando com ela (devido, aparentemente, à sua atitude passiva) ainda que uma tal argumentação fosse peculiar, no sentido de que — pela acção consistente do padrão grupalítico — eles podiam constatar que avançavam perguntas e interrogações e (ante a sua silenciosa e intangível retirada narcisista) acabavam por sugerir, também, as respostas que poderiam ter esperado da parte dela.

Um deles perguntava, por exemplo, «Porque é que não dizes qualquer coisa agora, *Zaida*?»; isto era seguido de «Tu não falas com a gente, porque só te preocupas com ele» (o grupalítico), «não é verdade?»

Ou ainda: «Tu entendes-te com o Dr. C. como terias gostado de te entender com a tua mãe...»

Um outro membro do grupo interviria, então, para dizer: «Não... O Dr. C. é mas é o pai de quem ela gostava tanto e com quem se sentia unida; e nós somos mas é a mãe e os irmãos dela que ela sempre disse que estavam contra ela e contra o pai...»

Este tipo de comunicação associativa na matriz grupalítica, contém, como se vê, elementos interpretativos nos níveis de interpretação genético-evolutiva e da interpretação na transferência. Todavia a origem essencial da comunicação solta-se da própria ansiedade de alguns, confrontados com um tal *objecto imóvel*. Este objecto imóvel (representado por *Zaida*) entrava em contacto com os próprios objectos imóveis internalizados, nas suas relações de objecto arcaicas; representava para três deles a mãe dormindo ou a mãe deprimida; para dois deles representava a mãe morta durante os dois primeiros anos de vida.

Além disso, identificando-se com *Zaida*, a matriz grupalítica propiciava o contacto com as estruturas narcísicas de cada um. Através de interpretações na transferência, e comutativas, o grupalítico pode transmitir na matriz exactamente o que se acaba de enunciar.

Este tipo de interpretação na transferência revela uma nova significação e torna-se criativo no sentido que transmite a expectativa de mudança e de novo conhecimento.

Não interfere com a regressão na matriz grupalítica, uma vez que a regressão se mantém, ainda que possa variar na sua qualidade. De qualquer modo a regressão é sempre simbólica, variável e temporária; as pessoas regressam adentro da grupalítica mas não o fazem necessariamente nos caminhos pragmáticos da realidade, externa.

Este facto era evidente no comportamento de *Zaida*. Quer antes quer depois das sessões de grupalítica ela encontrava-se, ocasionalmente, com os seus companheiros de grupalítica, falando-lhes efusivamente e num tom de voz normal. E até um par de vezes em que se encontrou com o analista fora do grupo, mostrou-se abertamente afectuosa, conversando relativamente bem.

A evolução deste tipo de pacientes, com perturbações narcísicas mais ou menos severas, tende a criar uma espécie de impossibilidade no decurso do processo grupalítico. A aliança terapêutica está de alguma forma prejudicada e carece de autenticidade. Em vez de permitir um desenvolvimento da neurose de transferência, florescente ou mesmo tempestuoso, estes pacientes mostram-se mais aptos a fazer o acting out adentro do grupo, originando uma relação transferencial uniforme, repetitiva e viscosa, em relação à qual as interpretações vão de encontro a uma indesejada resistência grupalítica.

No caso de *Zaida*, quando o grupalítico e o grupo constataram que se tinha obtido muito progresso terapêutico, foi tomada uma decisão para a terminação da grupalítica (Kauff, 1977).

De facto a manutenção de comportamento regressivo na grupanalise, transformara-se numa resistência à mudança nos seus caminhos de vida na realidade externa.

A reacção de Zaida à terminação da análise foi violenta e as últimas sessões da sua análise foram devotadas à análise da sua *raiva narcísica*, uma vez que a estrutura narcísica defensiva e onnipotente tinha sido firmemente abalada. Um outro membro do grupo comentou que era como se um novo parto estivesse em acção, ali, ante os nossos próprios olhos.

Zaida ameaçou o grupanalista — em tom de voz alto e de bom som — que nunca mais o veria na vida. Todavia, seis meses depois, encontrou um membro do grupo dizendo-lhe que estava passando bem e encarando a possibilidade de se casar. Três anos depois da sua terminação da análise enviou ao analista um cartão de Natal, colorido e afectuoso, dizendo-lhe que se tinha casado e que tinha um bebé.

Pacientes com perturbações narcísicas dominantes tendem a seguir análises de longa duração. A estrutura narcísica nem sempre é fácil de detectar nas primeiras consultas, antes de se pôr a indicação para grupanalise, e isto acontece mesmo com grupanalistas experientes.

Em muitos destes pacientes não se encontra defeito no funcionamento intelectual e no desenvolvimento pragmático das funções do Ego na realidade externa. Mas uma vez que entram na grupanalise revelam, de forma mais expressiva, aquelas estruturas narcísicas e o seu modo de funcionamento, o que pode surgir como que uma surpresa para o analista.

Mas acontece, também, que essas estruturas vão oferecer uma possibilidade única tanto para a investigação da sua natureza, estrutura e função, no paciente com a perturbação narcísica específica, como para a abordagem dos núcleos narcísicos e raízes no desenvolvimento do Seif em todos os outros membros do grupo.

## RESUMO

*Os autores começam por definir o processo grupanalítico nas dimensões teóricas comuns à teoria psicanalítica e nas suas dimensões técnicas próprias: conceitos de matriz e padrão*

*grupanalíticos e sua correlação dentro do processo de grupanalise.*

*São descritos os níveis de experiência e de interpretação e estabelecem-se diferenças entre psicoterapia de grupo, psicoterapia grupanalítica e grupanalise bem como a distinção e conjugação de causalidade, significação e criatividade.*

*Na segunda parte do artigo apresentam-se alguns aspectos das possibilidades que o processo grupanalítico apresenta para a investigação das perturbações do narcisismo.*

## RÉSUMÉ

*Les auteurs définissent le processus groupanalytique dans ses dimensions théoriques communes à la psychanalyse et dans ses dimensions techniques spécifiques: les concepts de matrice et de pattern groupanalytiques et sa corrélation au sein du processus de groupanalyse.*

*Les niveaux d'expérience et d'interprétation sont décrits, et sont établies les différences entre psychothérapie de groupe, psychothérapie groupanalytique et groupanalyse, ainsi que la distinction et conjonction de causalité, signification et créativité.*

*Dans la deuxième partie de l'article sont présentés quelques aspects des possibilités que le processus groupanalytique présente pour la recherche des perturbations du narcissisme.*

## REFERÊNCIAS

- ABSE, W. D. (1979) — «Trigant Butrow and the Inauguration of Group Analysis in the USA», *Group Analysis*, 12: 218-229.
- BALINT, M. (1959) — *Thrills and regressions*. I.U.P., N.Y.
- BALINT, M. (1968) — *The Basic Fault*, Tavistock Publications, London.
- BION, W.R. (1963) — *Elements of Psychoanalysis*, Heinemann, London.
- CORTESÃO, E. L. (1967) — «Some Further thoughts on the concept of group matrix and pattern», *Group Analysis*, 1: 35.
- CORTESÃO, E. L. (1967b) — *Acting out en groupanalyse. Colloque sur le passage à l'acte*. Paris, 1967.
- CORTESÃO, E. L. (1971) — «On Interpretation in Groupanalysis». *Group Analysis*, 4: 39-53.

- CORTESÃO, E. L. (1971) — «Opening remarks, Ist. Europ. Symp. Group-Analysis». *Group Analysis*, 4: 2.
- CORTESÃO, E. L. (1974) — «Transference Neurosis and the groupanalytic process», Ed. Lepetit, Abril, 1974 e *Group Analysis*, 8: 2.
- CORTESÃO, E. L. (1979) — «L'interprétation en groupanalyse», *Perspectives Psychiatriques*, 11: 103-115.
- CORTESÃO, E. L. (1981) — «Group psychotherapy, groupanalysis and the vicissitudes of transference», *Acta Psiquit. Port.* 1981.
- FOULKES, S. H. (1946) — «Principles and Practice of group Psychotherapy», *Bul. Men. Clin.* 10, n.º 3.
- FOULKES, S. H. (1967) — «The concept of group matrix», *Group Analysis*, 1: 31-35.
- FOULKES, S. H. (1970) — *Grupo-Análise Terapêutica*, Pub. Europa-América, Lisboa.
- FOULKES, S. H. (1975) — *Group-Analytic Psychotherapy*, London: Gouidon & Breach.
- KERNBERG, O. (1980) — «Some implications of object relations theory for Psychoanalytic technique», *J. Am. Psychoan. Ass.* 28: 627.
- KOHUT, H. (1972) — «Thoughts on narcissism and narcissistic rage», *Psychoan. St. Child.* 27: 360-400.
- WINNICOTT, D. (1965) — *The maturational processes and the facilitating environment*. IUP, N. York.